



FUNDAÇÃO

LUSO-AMERICANA

PORTUGUESES DA AMÉRICA

MARGARIDA MARANTE
RUI OCHOA (fotografia)

Prefácio
ANTÓNIO VITORINO

L I S B O A :
TINTA-DA-CHINA
MMXII

ÍNDICE

- 7** Apresentação
- 9** Prefácio
(António Vitorino)

- 13** América
(Margarida Marante)
- 15** A Fantástica Diáspora Portuguesa
(Rui Ochoa)

MASSACHUSETTS

- 18** Frank Gaspar
- 24** Craig de Mello
- 30** Frank de Sousa
- 36** Marc Pacheco
- 44** António Frias

CALIFÓRNIA

- 54** António Damásio
- 62** Ângelo Garcia
- 68** Manuel Sousa
- 74** Deolinda Adão
- 80** Rigo
- 88** Manuel Eduardo Vieira
- 94** Daniela Ruah

© 2012, FLAD e Edições tinta-da-china, Lda.
© da fotografia: Rui Ochoa

FLAD – Fundação Luso-Americana
para o Desenvolvimento
Rua do Sacramento à Lapa, 21
1249-090 Lisboa | Portugal
Tel.: 213 935 800 | Fax: 213 963 358
www.flad.pt

Edições Tinta-da-china
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Portugueses da América*
Autora: Margarida Marante
Fotografia: Rui Ochoa (rui.ochoa@sapo.pt)
Prefácio: António Vitorino
Revisão: Tinta-da-china
Capa e composição: Tinta-da-china

1.ª edição: Novembro de 2012
isbn 978-989-671-139-9
Depósito Legal n.º 351129/12

NOVA IORQUE, NOVA JÉRSIA

- 104 Katherine Vaz
- 112 Pedro Conceição
- 120 Bernardino Coutinho
- 128 Domitília dos Santos
- 136 Donzelina Barroso
- 144 João Santos
- 152 António Homem
- 160 Jack Martins
- 168 Jorge Mendes
- 174 Joana Vicente
- 182 Ricardo Reis
- 190 Alexandra Champalimaud

PENSILVÂNIA

- 198 Irene Fonseca
- 206 Manuela Veloso

WASHINGTON, DC

- 216 Devín Nunes
- 222 Jim Costa

- 232 Francisco Fagundes
- 233 Daniel da Ponte
- 234 António Cabral
- 235 Carlos Mattos

- 236 Notas biográficas

APRESENTAÇÃO

O livro *Portugueses da América* corresponde a um projecto da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento com vista a dar voz e conferir visibilidade a portugueses que se destacaram na vida política, económica e social dos Estados Unidos da América.

Existem portugueses e luso-americanos espalhados por toda a América, desde os tradicionais lugares de fixação – Nova Inglaterra, Califórnia e Nova Jérsia – até outros mais recentes, como a Florida, e outros centros urbanos e universitários.

Se no século XIX e nos primórdios do século XX, a imigração portuguesa nos EUA, em percentagem considerável de origem açoriana (cerca de 70 por cento, se tivermos em conta três gerações), se dedicou a profissões como a pesca, a agricultura, a indústria e o comércio, no último quartel do século XX e no início do século XXI enveredou decididamente por um percurso de modernidade que, sem descurar as actividades tradicionais, passou a englobar o ensino e a investigação em algumas das mais prestigiadas universidades americanas. Quer viessem directamente de Portugal, quer fossem oriundos das próprias comunidades, multiplicaram-se os casos de sucesso, desde as ciências e tecnologias às artes e à literatura.

Para a execução deste livro, a Fundação Luso-Americana conferiu inteira liberdade de critérios, na escolha dos entrevistados, à jornalista Margarida Marante. Não se pretendeu estabelecer uma selecção dos mais notáveis portugueses da América, tarefa em si mesma impossível de executar sem uma forte dose de subjectividade, mas

sim recolher o testemunho de algumas personalidades de sucesso que permitem exemplificar a diversidade e a extensão dos domínios em que revelaram a sua capacidade e competência.

Entrevistadora com créditos firmados na televisão portuguesa, Margarida Marante foi a principal responsável deste projecto, que contou igualmente com o contributo de Rui Ochoa, repórter fotográfico de grande qualidade profissional, como fica patente neste livro. A FLAD deixa aqui exarado o seu reconhecimento a Margarida Marante e a Rui Ochoa, bem como a todos aqueles que, directa ou indirectamente, colaboraram neste projecto.

Sabemos que ficaram fora destas entrevistas, por motivos diversos, muitas outras pessoas que nelas poderiam ter figurado. Certamente, no futuro, outras iniciativas editoriais virão suprir tais lacunas. As próprias comunidades possuem meios e competências para prolongarem esse esforço de divulgação. Para que os portugueses conheçam melhor Portugal. Neste caso, Portugal na América.

A FLAD não quer deixar passar esta ocasião sem prestar homenagem a Margarida Marante, à sua pessoa e ao seu percurso profissional, desde a jovem revelação da televisão portuguesa até ao final prematuro que todos lamentamos. Em nosso entender, este livro constitui mais uma demonstração da sua capacidade e talento.

CONSELHO EXECUTIVO DA FLAD

PREFÁCIO

por António Vitorino

Este é um livro de testemunhos com história(s). Um livro que merece duas leituras, uma mais imediata, a partir das narrativas individuais dos luso-descendentes nos Estados Unidos da América e outra identificando o fio condutor (per)seguido pela autora, Margarida Marante, sobre as características da diáspora lusófona no grande continente da América do Norte.

O perfil do livro é, desde logo, claramente delimitado pelo universo que a autora escolheu: os luso-descendentes com destaque. Esta escolha poderia significar que se trata de um livro elitista, na medida em que as pessoas chamadas a dar o seu testemunho são, logo à partida, casos de sucesso (pessoal e profissional) e distinguem-se daquilo que é a imagem massificada das sucessivas gerações de migrantes portugueses um pouco por todo o mundo. Mas a escolha da autora resulta enriquecida quer pela grande diversidade das actividades dos luso-descendentes que ganharam destaque nos EUA (da investigação científica à gastronomia, do mundo empresarial às actividades filantrópicas, da alta finança ao ensino), quer pelas próprias histórias dos depoentes, histórias essas, pessoais e familiares, que permitem também traçar uma narrativa das sucessivas gerações de migrantes portugueses e seus descendentes em terras americanas (cujos primórdios remontam, em alguns casos, ao século XIX).

Um número significativo das personagens deste livro descende de várias gerações de migrantes oriundos de Portugal. E é na narrativa destes percursos que identificamos uma dinâmica de integração dos migrantes portugueses e dos seus descendentes na sociedade americana, detectando as causas e as razões que levaram a que, de comunidades migrantes economicamente vulneráveis,

tivessem surgido estes casos de sucesso reconhecido na sociedade americana.

A evolução ao longo de décadas evidencia alguns traços marcantes de percursos de sucesso e das oportunidades que a sociedade americana oferece para que os descendentes possam destacar-se, libertando-se da indiferenciação do padrão-tipo originário das comunidades migrantes e firmando os seus créditos no país onde chegaram ainda crianças ou onde mesmo já nasceram.

É muito significativa na leitura transversal destes depoimentos a marca de conservadorismo e de fechamento das primeiras gerações de migrantes, por contraste com a abertura e aceitação dos descendentes que conhecem estes percursos de sucesso.

Na realidade, esse conservadorismo dos “pais” está patente, desde logo, na resistência, referida em vários depoimentos, a que os filhos prosseguissem os seus estudos até ao nível universitário, em vez de entrarem logo que possível no mercado de trabalho, como foi apanágio da emigração portuguesa contemporânea (em particular nos anos 50, 60 e 70 do século XX) destinada à Europa. Mas depoimentos surgem também onde se evidencia que vários desses progenitores tinham uma consciência clara de que a ascensão social dos seus descendentes só poderia advir precisamente da frequência do sistema de ensino até ao nível superior.

Esta tensão é dirimida não apenas por opções individuais e familiares, mas também, como sublinham diversos depoentes, pelas facilidades de acesso a apoios à formação escolar – estudar “de graça”, como se lhe refere um dos testemunhos –, dispensada pela sociedade americana, com base essencialmente no mérito pessoal dos beneficiários.

A dinâmica dos luso-descendentes de sucesso está assim intimamente ligada ao acesso à educação. Mas, para além dos incentivos a essa opção, resulta também marcante que os luso-descendentes não encontraram nos seus percursos escolares individuais factores de discriminação em função das suas origens. Na realidade, a diversidade da sociedade americana reflecte-se também na plasticidade do seu sistema de ensino e na sua capacidade de integrar uma população escolar proveniente de meios sociais, culturais e linguísticos muito diferenciados.

O panorama dos casos de sucesso não esconde, como várias vezes é referido, essa massa de jovens que não seguiram o mesmo percurso escolar dos depoentes, ficando implícito, aliás, que mesmo nas gerações mais recentes ainda é muito significativo o número de luso-descendentes que se quedou pelos escalões de ensino mais baixos. Esta diferenciação repercute-se necessariamente no tipo de relações pessoais entre as diferentes camadas de luso-descendentes, traduzida no que poderíamos considerar a “autonomização” espacial destes luso-descendentes de sucesso em relação às zonas onde predominantemente se fixam as comunidades de origem portuguesa (os nova-iorquinos de sucesso vão apenas a Newark “para comprar alguns produtos típicos portugueses”, como referem vários dos testemunhos).

A questão da ocupação espacial das sucessivas gerações de migrantes é, aliás, um dos elementos mais relevantes da generalidade dos estudos sobre as diásporas migratórias.

Assim como existem duas Américas (melhor três, mas a do Mid West não constitui um local de destino da diáspora portuguesa), a da Costa Leste e a da Costa Oeste, as comunidades portuguesas do Massachusetts ou de Rhode Island ou de Nova Jérquia são diferentes das comunidades da Califórnia, do Vale de São Joaquim ou de São Francisco. Esta diferenciação tem a ver tanto com as características das regiões de acolhimento, como com a diversidade das regiões de origem das próprias comunidades de migrantes. Não cabe aqui fazer a análise do efeito de chamada e de concentração territorial das primeiras gerações de migrantes baseadas no factor de entreejuda e de cooperação a partir das identidades forjadas no país de origem. Mas a escolha dos locais de fixação tem também a ver com o perfil das oportunidades de trabalho oferecidas aos migrantes, predominando as actividades na pesca, na agricultura ou na indústria, em funções de grande dureza e, em regra, pouco exigentes no tocante às qualificações escolares e profissionais requeridas.

As histórias de sucesso destes luso-descendentes permitem, assim, traçar o perfil das primeiras vagas de migração, das suas limitações e das causas profundas do seu enquistamento e fechamento sobre as comunidades. O paradoxo reside no facto de essas comunidades, pelo seu comportamento, serem frequentemente consideradas pacíficas, cordatas e capazes de uma integração fácil na sociedade americana de acolhimento. Só que o funcionamento em circuito fechado acaba também por explicar a limitada interacção com a sociedade americana no seu conjunto, o escasso peso político da comunidade de origem portuguesa e o facto de o espírito de corpo se dirigir mais à vivência interna da comunidade do que propriamente a uma visibilidade e capacidade de influência externa acrescida.

Este perfil põe ainda mais em realce o esforço e a virtude daqueles que, oriundos de um tal caldo de cultura, se destacaram por mérito próprio na sociedade americana, como sucede com os retratados no presente livro.

Sem embargo, a concentração espacial não deixa de se repercutir na percepção da própria sociedade americana, como evidenciam os testemunhos daqueles que exercem funções públicas e políticas e que vêm nas suas origens portuguesas um específico elemento de identificação e de apoio. E se é verdade que quase todos os depoentes se queixam da falta de um perfil e de uma imagem consolidada de Portugal nos Estados Unidos, a que acresce a constante confusão entre o nosso país e o mundo hispânico em geral, não é menos verdade que, até por contraste, é muito forte a imagem da existência e subsistência de nichos comunitários de origem portuguesa de grande intensidade identitária, donde decorre um apego à língua e à cultura de origem. Com efeito, na maioria dos testemunhos recolhidos por Margarida Marante ressalta com grande força a preocupação em manter o uso da língua portuguesa pelos mais jovens e a frequência com que estes se deslocam a Portugal, designadamente nos períodos de férias, bem como o reconhecimento das origens dos antepassados como elementos identitários, mesmo entre aqueles que já nasceram nos EUA ou que não têm nenhuma memória pessoal das origens dos seus progenitores.

Neste relacionamento com as origens que, assim, perdura em sucessivas gerações (nalguns casos os depoentes constituem já a quarta geração) merece uma referência especial o caso da migração com origem nos Açores. Desde logo, pelo seu peso muito expressivo no conjunto da diáspora portuguesa na América do Norte, pela circunstância de se encontrar presente nas duas costas ameri-

canas e ainda pela especial intensidade dos laços que se mantêm com as ilhas de origem, sentida tanto no arquipélago como nos EUA. É verdade que para este peso dos migrantes oriundos dos Açores, que poderíamos considerar “desproporcionado” face à dimensão do conjunto da diáspora portuguesa naquele país, decerto contribui a proximidade geográfica, mas a corrente migratória açoriana tem também uma raiz cultural e social muito marcada. Com efeito, como refere um entrevistado, a migração oriunda dos Açores é historicamente alimentada pelo “imaginário dos pobres”, pois, por contraste com os ricos e as classes médias “que sonhavam com o continente, com Coimbra ou com Lisboa, para os pobres o sonho era a América”.

Ora, convenhamos que a narrativa tradicional americana sobre o seu próprio país, a de que a América é a terra das oportunidades e que todos podem beneficiar dessas oportunidades, quadra bem neste imaginário e neste desejo de libertação face ao isolamento insular, à pobreza e às carências.

Portugueses da América traz-nos, assim, um retrato vivo de uma inalienável dimensão da nossa própria identidade como povo. Dele a melhor síntese pode ser feita nas palavras de um dos depoentes: “É-se português diferentemente, conforme o sítio para onde se vai.” Mas cumpre acrescentar que, se esta plasticidade constitui uma imagem de marca das várias diásporas portuguesas dispersas pelos sete cantos do mundo, não é menos verdade que em todas elas encontramos uma raiz comum, um radical identificador, que se alimenta tanto da tradição como da capacidade de adaptação a novos ambientes e a desafios de grande magnitude em termos de integração nas sociedades de acolhimento. Neste radical insere-se de pleno a língua portuguesa, uma língua global em termos quantitativos graças à dimensão brasileira, mas também global pela presença territorialmente muito diversificada.

O mérito de Margarida Marante é o de ter conseguido, pela escolha impressiva dos testemunhos e pela continui-

dade das questões colocadas a todos eles, um relato que permite uma leitura transversal da história da presença dos portugueses e dos luso-descendentes nos Estados Unidos da América. Mas se tal não fora já por si relevante, este livro beneficia da riqueza humana dos entrevistados, que é posta em destaque pela convivalidade e empatia criada pela autora. Com efeito, este é também um livro de histórias, de percursos, sentimentos, reflexões, silêncios e ambições de pessoas que, tendo em comum serem luso-descendentes, são profundamente diferentes entre si. Margarida Marante consegue aproximar-se de cada um deles a partir dos seus percursos pessoais, das suas actividades profissionais, construindo a propósito de cada, nas suas próprias palavras, um fresco autobiográfico, estimulado por perguntas que nos levam para campos muito para além do estrito objecto do livro: da medicina à investigação científica, das actividades empresariais ao ensino, da gastronomia à identidade do ser humano, das artes à alta finança, da religião à política.

No fundo, através de histórias e reflexões pessoais, Margarida Marante coloca-nos em cheio na essência do fenómeno migratório, que é a dimensão humana dos seus protagonistas.

A forte relação existencial com as raízes portuguesas, por remotas que sejam, por muito diversificados que se apresentem os contextos onde os luso-descendentes se inserem, constitui a essência da mensagem que Margarida Marante nos consegue transmitir. Os diálogos fluidos e enriquecedores, num ambiente intimista e às vezes até cúmplice, colocam o leitor como a terceira pessoa sentada na sala, à conversa com a autora e o entrevistado. Uma conversa entre portugueses, independentemente da origem, da nacionalidade, do local de residência ou da formação cultural. Mesmo quando, para saborearem um bom arroz de pato, com um sorriso irónico, têm de escolher na ementa do restaurante nova-iorquino... “paelha de pato”!



AMÉRICA

Este livro resulta de uma viagem, longa em termos geográficos, intensa em termos de experiências de vida. Da Costa Leste à Costa Oeste, passando por Pittsburgh, Nova Iorque e os seus subúrbios, parti à procura de portugueses ou luso-descendentes de sucesso na América – uma palavra mais doce quando dita pelos meus entrevistados. De fora ficaram, sem dúvida, muitos nomes, mas a concretização do projecto impunha escolhas.

São histórias contadas na primeira pessoa, emocionalmente intactas, tal qual foram ditas a uma jornalista portuguesa que queria ouvi-los falar das suas vidas, que se cruzam nuns pontos e se afastam noutros. Em comum, os entrevistados têm a convicção de que não foram discriminados: a América acolheu-os e, com mais ou menos sacrifícios, tiveram a oportunidade de concretizar os seus sonhos. Esta porta aberta, este regime de meritocracia que tanto favorece os imigrantes, decorre da própria essência do país enquanto *melting pot* de várias culturas e nacionalidades, o que não se verifica noutros destinos de emigração.

Casos de sucesso como os relatados neste livro pressupõem histórias de vida nem sempre fáceis, numa comunidade portuguesa muito resignada e silenciosa. Ordeiros na sua maioria, católicos, pouco expansivos, maioritariamente originários dos Açores, vi-os reunidos numa festa

na Igreja de Nossa Senhora da Assunção em Turlock, no Vale de São Joaquim. Comove a beatitude destes homens e mulheres de meia-idade, a sua fé. São cultores de tradições que já não conhecemos. Onde estão as gerações mais jovens? Na igreja não os vi, à universidade chegam poucos, imagino-os, por isso, em convívios latinos em que o espanhol toma o lugar do português.

Mais ou menos a meio da elaboração deste livro de entrevistas, alguém me disse: “Foi tudo muito difícil, mas o que seria destas famílias se não tivessem emigrado para a América?” É o ponto certo da discussão. Mesmo para aqueles que não são “casos de sucesso”, a América representou uma alternativa à extrema pobreza que se vivia nas aldeias, nos anos 60 e 70. Na América, o “sonho americano” tornou-se realidade para muitos milhares de portugueses e para os seus descendentes. Será porventura cumprido com maior eficácia quando se falar mais português nas universidades e no Senado, ou quando no Congresso houver mais nomes de luso-descendentes. Chegámos no século XIX com os baleeiros, chegaremos ao século XXI com o orgulho de termos crescido nos influentes órgãos de decisão política da América.

MARGARIDA MARANTE



A FANTÁSTICA DIÁSPORA PORTUGUESA

Há muitos anos que acalentava o desejo de fazer um livro sobre a comunidade portuguesa nos Estados Unidos da América. Ficou-me essa vontade desde que, em 1986, visitei pela primeira vez alguns locais onde estão radicados muitos daqueles que, por via da falta de emprego ou vitimados por tragédias naturais, foram aos milhares para o outro lado do Atlântico em busca do sonho, do sonho americano.

Foi à procura desses portugueses e dos seus descendentes que viajámos (eu e Margarida Marante) numa manhã de um domingo de Outubro de 2010, rumo à cidade de Providence, onde nos fixámos durante alguns dias.

Estávamos no Outono, e o célebre Indian Summer (uma espécie de Verão retardado) fazia-se notar em todo o esplendor, com a intensa vegetação pintada de tons de castanho e amarelo luxuriantes, batidos por um sol em notório declínio, especialmente quando os itinerários nos levavam a percorrer as míticas estradas secundárias da América profunda, tão bem descritas na literatura americana.

Nesta primeira viagem foram efectuadas cinco entrevistas, das quais destaco o professor Craig C. Mello, Prémio Nobel da Medicina 2006, e Marc Pacheco, deputado estadual.

Na Primavera de 2011, seguimos rumo à Califórnia, onde pude fotografar, em Los Angeles, numa curta sessão, o professor de neurociência António Damásio, assim como os bem-sucedidos agricultores do Vale de São Joaquim, como o açoriano Manuel Eduardo Vieira.

Mas esta longa viagem até ao Pacífico não se ficou pela ciência e a agricultura, alargando-se à cultura e ao

ensino, onde pontificam portugueses de grande qualidade, inseridos, por direito próprio, no que de melhor tem a sociedade americana.

No Outono seguinte, fomos a Nova Iorque, a mais longa permanência neste conjunto de viagens – que incluiu também a cidade de Pittsburgh, onde encontramos duas reconhecidas cientistas.

Em Washington, DC, fim deste périplo de quase dois anos, foi a vez dos políticos de Capitol Hill. Dois congressistas descendentes de portugueses – Jim Costa e Devin Nunes – completam o conjunto de personalidades portuguesas e luso-descendentes cujo mérito os coloca no ponto mais alto da sociedade americana.

Na fase final da produção editorial deste livro, chegou-me(nos) uma terrível notícia. Na madrugada do dia 5 de Outubro, Margarida falecia inesperadamente, chocando todos os que com ela conviveram ao longo da sua notável carreira de jornalista. Este livro fica, assim, mais pobre. Sobretudo porque não podemos tê-la ao nosso lado na hora em que *Portugueses da América* chega às vossas mãos.

Façamos, pois, deste seu último projecto uma homenagem, a homenagem que lhe é devida por todos nós. Pelo seu trabalho sério, pleno de criatividade e energia, pela força que pautou toda a sua vida de jornalista ao longo de mais de 30 anos.

Obrigado por tudo, querida amiga. Descansa em paz, que bem mereces.

RUI OCHOA

MASSACHUSETTS



FRANK GASPAR

A Universidade de Massachusetts Dartmouth é imensa, cinzenta, uma obra que simboliza o fascínio de uma certa época por construções compactas de betão. Por dentro é um labirinto, corredores e átrios iguais que comunicam com andares diferentes e que, ao fim de demorado caminho, me levaram até um painel de azulejo português que irrompe inesperado no meio do betão afagado das paredes. Como é óbvio, estou no sítio certo, no Centro de Estudos Portugueses, precisamente onde marquei encontro com o poeta e novelista luso-descendente Frank Gaspar. Café tipo Starbucks na mão e escolhemos um sítio sossegado para conversar. Sentados ao nosso lado, alguns alunos trabalham nos seus portáteis, completamente alheados da natureza épica da nossa conversa. Jeans, ténis, cabelo despenteado, Frank Gaspar tem uma atitude descontraída e um sonho persistente. Durante o tempo do nosso encontro ir-me-á convencer de que uma terra chamada Provincetown foi o destino de uma gesta de homens e mulheres únicos na grandeza do seu carácter, da sua coragem, da sua mestria profissional. Terra de pescadores, oriundos dos Açores, tal como os bisavós de Frank Gaspar, que os recorda através de uma visão poética, um passado que revisita recorrentemente em busca de inspiração. Sinal de uma personalidade curiosa e insatisfeita, Frank Gaspar conta o episódio da morte do bisavô, abandonado no mar à sua sorte por outros pescadores portugueses, quando andava na pesca da baleia. Um episódio que faz lembrar a série Twin Peaks, de David Lynch. Actualmente a leccionar literatura na universidade, F.G. tem em preparação um novo livro de poemas. Antes, escreveu um romance sobre a imigração e a comunidade de Provincetown e um outro sobre o dilema moral de um padre católico de uma pequena comunidade portuguesa. Há, no entanto, outros dilemas que ocupam a obra de F.G., como prova esta citação de “It Was So Dark Inside The Wolf”:

“Oh, it was so dark inside the wolf said
The little girl with the basket after the hunters had killed
That beast who had eaten her, after they had cut him open to
Let her out. Although you don’t hear ‘that’ version so often anymore
Surely this is significant. Who hasn’t lodged in the belly
Of something, who hasn’t been devoured?”

Como é que foi a sua infância em Provincetown?
Foi muito difícil, porque eu e a minha mãe éramos muito pobres. Em West End Provincetown vivia a classe trabalhadora, em East End havia melhores casas e pessoas com melhores rendimentos. O meu pai foi-se embora antes de eu nascer.

Qual era a profissão da sua mãe?
A minha mãe começou por trabalhar numa fábrica a cortar peixe, depois trabalhou como empregada nos hotéis durante o Verão e, finalmente, arranjou trabalho numa casa de repouso.

No seu tempo em Provincetown, havia uma grande comunidade portuguesa?

Quase a cem por cento. Era uma terra de pescadores e de baleeiros que começaram a chegar no final do século XIX. Lentamente foram expulsando os americanos e comprando os seus barcos. No meu tempo toda a gente se conhecia, todos tinham nomes portugueses, se não tivessem até era estranho. Mesmo que não falassem português, como é o meu caso. Nunca tivemos a sensação de ser de fora, éramos a cidade inteira, a comunidade inteira.

Os seus avós nasceram nos Açores?
Sim, no Pico e, talvez, nas Lajes, do lado do meu pai. Em Provincetown muita gente dizia que era de São Miguel, mas eu penso que isso se devia ao facto de ser em São Miguel que iam apanhar o barco para os Estados Unidos, e depois era isso que ficava nos registos. Os registos antigos são mui-

to confusos. Vou contar-lhe uma história: numa floresta, junto a Provincetown, há um pequeno cemitério destinado a vítimas da varíola. Houve duas epidemias de varíola, a primeira em 1830 e qualquer coisa, e a outra em 1870 e tal. Ninguém conseguia encontrar o cemitério onde as vítimas tinham sido enterradas, porque está tudo coberto de mato e não há caminho para lá chegar. Encontrei-o eu com a ajuda de um amigo, no Verão passado, o solo tapado com pequenas pedras marcadas apenas com números. Olhando para os registos, verificamos que, por exemplo, ao número nove ou dez corresponde o nome Manuel Terceira... Parece-me que não sabiam o nome deste homem: estava na América há poucos dias, e após ter desembarcado, apanhou a varíola e morreu lá na floresta para onde o levaram. Esta era a forma como os portugueses eram tratados, como carga.

Sei que o seu bisavô morreu no mar, numa baleeira, e que esse episódio marcou bastante. Quer explicar porquê?
Naquele tempo ainda se pescavam baleias com barcos à vela. Ele estava num barco pequeno e nunca mais foi visto. O comandante largou o barco, foi-se embora, abandonou-o no mar. Foi o meu bisavô e o bisavô de um amigo meu, ambos portugueses, ambos ilhéus. No entanto, é muito interessante verificar que os homens que iam no barco também eram portugueses... Não houve processo, não houve nada, mas nem estes acidentes nos deitaram abaixo, nós éramos uma comunidade muito forte.

Apesar disso foi-se embora muito novo. Não queria ser pescador?
Não queria ser pescador e, mesmo que quisesse, a minha família não tinha um barco, nós éramos pobres e vivíamos do lado errado da cidade. Eu sabia que não havia ali nada para mim, queria estudar, escrever, não tinha dinheiro e não sabia por onde começar. Resolvi ir para Nova Iorque lavar pratos num restaurante, até que chegou a mobilização, estávamos em guerra no Vietname.

Quanto tempo esteve no Vietname?
Um pouco mais de três anos e meio, mas a guerra foi um ponto de viragem na minha vida. Recebi uma indemnização do Estado pelo tempo que estive em combate e, com esse dinheiro, consegui pagar a faculdade. Antes eu estava a tentar ser escritor mas andava à toa, sem acesso a uma educação superior, sem dinheiro, em más companhias e numa derrapagem perigosa. Não fui para a guerra voluntariamente, fui convocado, o que de certa forma ajudou, porque acabei por ir para a Marinha, em vez do Exército. No

mar, quando não estávamos envolvidos em acções militares, o barco atracava em vários portos da Ásia para reabastecer, o que me permitiu contactar com a cultura oriental através da religião. Li livros budistas como o I Ching, o Tao te Ching, visitei locais sagrados como altares e mosteiros. Estas experiências não abalaram a minha formação católica, mas serviram para alargar e enriquecer o meu entendimento sobre a existência humana. Já sobre a natureza da guerra, as opiniões dividiam-nos ao meio: metade, como eu, odiava a guerra e não queria estar ali, sentíamos que estávamos erradamente envolvidos numa disputa interna de um pequeno país e que, pelo caminho, íamos causando grande destruição. Por outro lado, também havia o ressentimento de termos sido abruptamente retirados das nossas vidas, muito embora, no meu caso, ser retirado da “vida”, me tenha salvado a vida... Deu-me, sobretudo, distância dos meus comportamentos destrutivos e permitiu-me reflectir sobre o futuro quando fosse desmobilizado.

O que é que fez assim que saiu da Marinha?
Desejei tanto ter uma educação superior que, mal fui dispensado, entrei na faculdade. Mas não estava nada bem. A guerra tinha causado traumas, e eu não me sentia preparado para enfrentar o ódio das pessoas relativamente aos veteranos. Nós escondíamos a nossa identidade no campus universitário. Ninguém nos aclamava como heróis, bem pelo contrário. Tentávamos integrar-nos, mas não foram tempos nada fáceis.

No tempo que passou na guerra do Vietname, conheceu outros soldados luso-americanos?
No navio, havia um oficial cujo nome era claramente português. Era da Califórnia, mas era um homem estranho. Um dia comecei a falar alto com ele acerca de sermos ambos portugueses, mas ele reagiu mal, disse-me que não queria que os outros oficiais soubessem que ele era português. Fiquei zangado e disse-lhe que ele devia sentir-se orgulhoso, porque os portugueses de Provincetown sempre se sentiram orgulhosos, e eu, na altura, não entendia que luso-americanos de outras partes da América fossem pouco considerados. Ele sentia medo de um preconceito que eu nunca experimentara.

Os seus dois romances inspiram-se na comunidade piscatória de Provincetown. Há em si uma necessidade de revisitar o passado?
Estou agora a acabar um livro de poemas. Ainda não sei como se vai chamar, e é outra vez um sentimento que



nasce em Provincetown. Quando era novo, achava que não se podia ficar para trás. Mas nós somos quem somos, eu na altura pensava que podia contrariar isso.

Como é que descreveria Provincetown?

Na Provincetown que eu recordo, nos anos 50, quando estava a crescer, os invernos eram muito frios, não havia trabalho para os homens, alguns barcos saíam para a pesca mas não apanhavam muito peixe, só solhas, pouco mais. Muitas lojas fechavam e ficava tudo vazio, cinzento e vazio. Quando o Verão chegava, acordava tudo, vinha muita gente de Nova Iorque, de Boston, eram artistas e escritores, muitos turistas, vinham de longe e traziam cultura com eles. Nós estávamos lá e eles alugavam quartos nas nossas casas, comiam nos restaurantes, conversavam connosco e nós percebíamos que a vida deles era completamente diferente da nossa.

Escreve sobre os pescadores de Provincetown como se eles fossem heróis...

Eles são, ou eles eram, corajosos, fortes, duros e muito espertos.

Hoje em dia há menos barcos de pesca?

Muito menos, talvez nove ou dez. Chegaram a ser muitas dezenas.

Os antigos pescadores e as suas famílias conhecem os seus livros?

Conhecem. Não sei o que dizem uns aos outros, mas a mim dizem-me que estão muito contentes. Há certos segredos que eles não contam a ninguém e só quem viveu dentro da comunidade os poderia contar.

Em sua opinião, porque é que há tão pouca tradição de escritores luso-americanos?

Os luso-americanos que saem das comunidades portuguesas para obter uma educação universitária querem ser homens ou mulheres de negócios, ter êxito, um bom vencimento, melhorar a posição social. Não estão interessados em literatura nem nas artes em geral, por isso também não conheço nenhum escultor ou nenhum grande pintor luso-americano. Se pensarmos noutras etnias, por exemplo as hispânicas, as prateleiras das livrarias estão cheias... Onde estão as nossas histórias espantosas? Onde está Salazar? Onde estão as histórias da guerra colonial? Onde está a história da erupção do vulcão dos Capelinhos? Não há ninguém a contar essas histórias e não são as minhas histórias, não sou capaz de as contar, mas alguém devia fazê-lo. Nós somos uns desconhecidos.

Que autores portugueses lê habitualmente?

José Saramago e Pessoa, claro. Estou agora a ler *A Relíquia*, do Eça de Queiroz, leio Florbela Espanca e Lobo Antunes, muito embora não tenha gostado nada do último livro dele, acho que está a esticar demasiado a corda com o leitor. Gosto muito de Rodrigues Miguéis, há imensa solidão no seu trabalho, parece abandonado.

Imagina-se a regressar a Portugal?

Tenho a fantasia de ir para o Pico, mas é uma coisa que eu só poderia fazer durante uns tempos. Agora estou a dar aulas na Universidade de Massachusetts e moro em New Bedford e, meu Deus, da minha janela só oiço falar português, não entendo as palavras, mas identifico a entoação e a musicalidade em qualquer parte do mundo. É um mundo de classe trabalhadora, muito criativo e, no mar, vejo muitos barcos. Tenho escrito muito aqui.

Natural da cidade do Porto, iniciou-se como jornalista no *Jornal de Notícias*. Em 1976, optou, em exclusivo, pela área do fotojornalismo. No início de 1980, começou a sua colaboração de 29 anos no jornal *Expresso*, onde exerceu funções de director de fotografia, editor e repórter principal e onde assina, ainda hoje, diversos trabalhos jornalísticos. Autor de múltiplas reportagens em quase cem países, especializou-se em jornalismo político.

Colaborou, como fotógrafo, com os primeiros-ministros Francisco Sá Carneiro, Francisco Pinto Balsemão e Aníbal Cavaco Silva.

Leccionou *workshops* de sociologia, história e técnicas da fotografia na Universidade Autónoma de Lisboa e na Universidade Lusófona. É professor de jornalismo e de fotojornalismo na Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra.

Em 1985, no Centro de Estudos Fotográficos de Coimbra (futuro Encontros de Fotografia de Coimbra), realizou uma exposição/debate intitulada “Álbum de Família” – uma espécie de espelho crítico da classe política portuguesa de então.

Em 2000, expôs, na Fundação Calouste Gulbenkian, o seu trabalho “Oriente Ocidente”, que percorreu também as cidades de Paris, Barcelona, Bilbao, Rio de Janeiro e Porto.

Recebeu o Prémio Nacional de Foto-Reportagem 1986 (Prémio Gazeta), atribuído pelo Clube de Jornalistas, e o Prémio Society for News Design – USA 1998, pelas reportagens “A cor do Trabalho/Ponte 25 de Abril” e “Um instante de emoções”.

Editou e colaborou em diversos livros, nomeadamente: *Solidão e Poder*, sobre o primeiro-ministro Francisco Sá Carneiro (1983); *Retratos com História* (1998); *Portugal, as Sete Partidas do Mundo*, com Maria João Avillez (2001); *Aníbal Cavaco Silva – Autobiografia Política, volumes I e II* (2002); *Museu de Rachol* (2003); *God Bless América*, intervenção fotográfica no livro de Urbano Tavares Rodrigues sobre uma reportagem efectuada no Iraque (2003); *Conversas com Álvaro Cunhal e Outras Lembranças*, com Maria João Avillez (2004); *Tanto Portugal* (2005); *Portugal tão Longe* (2008); *730 Dias*, a história da construção do edifício-sede da Fundação Champalimaud (2010).

(28 de Junho de 1959 - 5 de Outubro de 2012)

Na sua última grande entrevista, em 2010, ao *Expresso*, disse ter saudades do jornalismo. “Da maneira como o fiz”, acrescentou. Começou muito cedo a fazê-lo, isso que foi o que fez.

Aos 17 anos, estudante de direito na Católica, bate à porta da revista semanal *Opção* e do seu director e fundador Artur Portela (que fundara também, logo em 1975, o *Jornal Novo*). A revista é de esquerda mas aceita a menina da Avenida de Roma, filha e neta única mimada, de formação católica e aparência senhoril (“Tentava disfarçar a minha juventude. Procurava passar uma imagem de pessoa mais velha e tinha um modo de vestir muito conservador.”), como estagiária. A *Opção* acaba e Margarida segue para o semanário *Tempo*, de Nuno Rocha, bem mais à direita. E daí para a RTP, onde entra, em 1978, por concurso público, para a informação do segundo canal. Passa pouco depois para o Canal 1, para a reportagem política. O salto para o género que a notabilizou, a grande entrevista, vem através de Daniel Proença de Carvalho (então à frente da TV pública), aos 21 anos. É provavelmente a mais nova jornalista de sempre, antes e depois, a questionar, *one to one*, em horário nobre televisivo, os protagonistas políticos do seu tempo – num tempo que caracterizou como “muito especial, em que se fazia a consolidação e estruturação do regime, (...) uma fase muito substantiva da vida política”.

Acumulando o trabalho com os estudos – que prolongou numa pós-graduação em direito comunitário e numa especialização em jornalismo nos EUA, entre 1983 e 1985 – faz ainda um pezinho na política: inscrita no PPD passado um mês da sua fundação, em 1974, aos 15 anos, com Francisco Pinto Balsemão como proponente, por um triz não é deputada, num tempo em que a acumulação com o jornalismo se aceita perfeitamente. Em 1980, falha a reportagem do acidente que vitima Sá Carneiro: “Quando cheguei e vi o amontoado de corpos e tanta água pedi para ser substituída. Não era capaz de ser imparcial.” O desaparecimento do fundador – curiosamente o único dirigente partidário da época que nunca entrevistou a sós – determina-lhe o afastamento do partido, com “um sentimento de orfandade”.

O primeiro prémio de jornalismo chega-lhe com uma grande reportagem sobre maus tratos de menores, ainda na RTP (em 1991, recebe, com Miguel Sousa Tavares, o prémio Gazeta de Mérito). Pouco depois, o director-geral

da estação, José Eduardo Moniz, decide despedi-la, ao fim de 12 anos de casa, assim como a Maria Elisa Domingues e Maria Antónia Palla. O motivo alegado é o facto de acumularem o trabalho na TV pública com cargos nas recém-fundadas revistas femininas (ela como directora da *Elle* desde 1989, Maria Elisa na mesma posição na *Marie Claire* e Palla chefiando a redacção da *Máxima*). Numa altura em que só existia uma estação de TV em Portugal, o despedimento significava, como Margarida frisa na entrevista citada, “tirar-nos a hipótese de fazer televisão”. As três jornalistas levam o caso a tribunal. Todas ganham. Mas, ao contrário de Maria Elisa, que exige a reintegração, Margarida, que entretanto voltara à advocacia (no mesmo ano em que foi despedida da RTP também saiu da *Elle*) decide não o fazer, iniciando em 1991 uma colaboração com a recém-criada estação de rádio TSF e com o semanário *Expresso*.

No ano seguinte, 1992, faz parte da equipa fundadora da SIC, a primeira TV privada a abrir em Portugal, propriedade da Impresa de Balsemão. Aí, até 2001, altura em que sai em ruptura com a administração, dirige e é *pivot* de vários programas de actualidade política – um dos quais, *Crossfire*, em co-autoria com Miguel Sousa Tavares –, incluindo *Sete à Sexta* e *Conta Corrente*, sendo líder de audiências e premiada com um Globo de Ouro por *Esta Semana*, que esteve no ar de 1996 a 2000 e no qual se concentra em temas sociais. No seu último ano na SIC, modera ainda um debate semanal com Proença de Carvalho, Paulo Portas e José Sócrates.

Não voltará à televisão, a nenhuma televisão. Em 2003, regressa à TSF para um programa de entrevistas, género com que contribui também, até 2004, para a *Notícias Magazine* (revista dominical apensa ao *Diário de Notícias* e *Jornal de Notícias*). Com o aparecimento do semanário *Sol* (fundado em Setembro de 2006), publicará, até Março de 2009, uma entrevista/perfil de protagonistas da actualidade política.

Entre 2009 e 2010, é directora de Comunicação da AMI – Assistência Médica Internacional.

Nos últimos dois anos, regressa ao jornalismo com o projecto *Portugueses da América*. Será o derradeiro.

PORTUGUESES DA AMÉRICA

foi impresso na Manuel Barbosa & Filhos,
sobre papel Creator Vol de 150 g, numa
tiragem de 1000 exemplares, no mês
de Novembro de 2012.

